

Angela Ales Bello

O SENTIDO DO SAGRADO
DA ARCAICIDADE À DESSACRALIZAÇÃO



Em memória de
Marco Maria Olivetti

Os resultados desta minha pesquisa são frutos de mais de dez anos de colaboração com o Instituto Castelli, o qual já foi dirigido pelo filósofo e historiador da filosofia Marco Maria Olivetti.

APRESENTAÇÃO

Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Dr. Márcio Luiz Fernandes

O estudo da religião teve na teologia o seu hegemônico canal analítico até o século XIX, quando Max Müller, após experimentar o Hinduísmo por vinte anos, passou também ao campo da história a incumbência de estudar religião, principalmente na sua especificidade de campo religioso ou propriamente de religião compreendida na sua singularidade social, cultural e histórica. O nascimento das ciências da religião durante o século XIX, articulada por múltiplas perspectivas, provoca nesta época um conhecimento bastante concreto das religiões do mundo e dos seus textos fundamentais como se pode notar no trabalho realizado pelo próprio Gerardus van der Leeuw. A história das religiões adquiriu um caminho de diversidade de tendências epistemológicas, seja no âmbito interno da própria ciência histórica seja no âmbito do próprio campo religioso, tendo por vezes aproximação com a fenomenologia da religião, conforme é possível testemunhar na obra de Mircea Eliade que junto com Max Scheler concebem a religião como uma estrutura real que oferece respostas a pergunta pelo sentido feita pelo ser humano. Constatase também a configuração histórico-social em que a religião é concebida no bojo das relações sociais, por vezes marcadas por conflitos e outras vezes marcadas por processos de integração social. Neste sentido, a sociologia durkheiminiana assumiu a religião como eixo de integração social, colocando-a em um patamar

de caráter fundamental na constituição e no desenvolvimento de uma sociedade. No aprofundamento da sociologia da religião há ainda a necessidade de se confrontar com a análise dialética feita por Karl Marx, que visualizava a religião no interior da luta de classes, concebida como motor da história, e Max Weber que protagonizou uma ampla análise sociológica das religiões, principalmente atendo-se à relação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo. Na esteira da sociologia e no âmbito amplo das ciências sociais, situa-se a antropologia, principalmente com Claude Lévi-Strauss que possibilitou a análise da religião nos sistemas simbólicos e Clifford Geertz que propiciou a interpretação da experiência religiosa. Também a psicologia ofereceu um grande empreendimento investigativo, sobretudo com Sigmund Freud em que a religião foi concebida como “ilusão” e com Carl Jung em que a religião foi inserida na concepção de arquétipo e de inconsciente coletivo. Disso resultaram diversas análises psicológicas da experiência religiosa e a religião passa a ser vista como uma dimensão da vivência do ser humano.

No âmbito teológico, a religião continuou sendo objeto de análise, principalmente para desenvolver o que é o seu assunto: Deus. Mas este assunto, ainda que tenha sido tratado por uma apologética em contraposição à modernidade, especialmente no âmbito do magistério eclesiástico de Pio IX e Pio X, passou a ser tratado em perspectivas diversas, em que a teologia passou a dialogar com a filosofia, principalmente com a sua vertente fenomenológica e hermenêutica. Nesta perspectiva, emergiu a obra de Rudolf Otto, intitulada *O Sagrado* em 1917, que trouxe à tona o conceito de *numinoso* para conceber a religião, realçando a experiência religiosa como forma de estabelecer a relação com o *Numen*, o Sagrado. Deste modo, esse pensador possibilitou uma teologia apoiada na fenomenologia ou mesmo uma teologia fenomenológica para compreender Deus à luz do que se deno-

minou de Sagrado, cuja relação com o ser humano propicia uma experiência religiosa tremenda e fascinante.

Diante dessas possibilidades analíticas acerca da religião, a vertente fenomenológica é assumida por Angela Ales Bello, filósofa italiana da Pontificia Università Lateranense (Roma, Itália), que também transita pela teologia, presidente do Centro Italiano de Pesquisas Fenomenológicas e membro da Comissão Teológica Internacional. Sua motivação se situa no próprio clima de pluralidade analítica que configura a era contemporânea e na identidade filosófica da fenomenologia, em que os fenômenos são humanos e, por conseguinte, merecem ser lidos à luz da história e da antropologia. Por isso, sua análise fenomenológica da religião realiza um empreendimento que perpassa o âmbito da antropologia e da história das religiões, de modo que a experiência humana da re-ligação com o divino, caracterizado como uma Potência – o *Sacro* – seja compreendida na referida análise. Para Ales Bello o uso do método fenomenológico para a análise sobre a história e a cultura humana encontram o seu solo mais propício e profundo justamente no campo da religião.

O caminho fenomenológico de Angela Ales Bello supõe uma Potência que se autocomunica ao ser humano e o provoca a uma relação, cujo estabelecimento se situa na própria vida, marcada pela sociabilidade, pela produção cultural e por sua própria historicidade. Logo, essa Potência não se movimenta na direção do ser humano sem situar-se historicamente e sem a justa imersão na sociedade e na cultura. Disso resulta que a experiência religiosa tem nas relações sociais e na produção cultural as suas mediações, para que haja o encontro entre o ser humano e a Potência, cujas dimensões são a *hylética* e a *noética*, originadas do pensamento de Edmund Husserl, esteira filosófica, ainda que não a única, utilizada por Angela Ales Bello em toda esta obra. Não podemos nos esquecer da utilização feita da fenomenologia de Edith Stein, dis-

cúpula de Husserl e instrumento pelo qual a filósofa italiana passeia pelo castelo interior de Tereza D'Ávila para apresentar uma experiência religiosa cristã de incidência profundamente mística. Nem nos olvidamos de Gerard van der Leeuw, que se tornou provavelmente o mais importante fenomenólogo da religião, pelo qual se efetiva o uso da antropologia e da história das religiões.

Esta obra se estrutura a partir de uma Premissa na qual se discute a experiência religiosa tanto no âmbito de sua aceitação quanto no movimento de sua negação e, por conseguinte, se apresenta os pressupostos metodológicos para o estudo do sagrado e do religioso. Em seguida, o livro se estrutura em duas partes, pelas quais se realiza respectivamente a “arqueologia fenomenológica do Sagrado” e a “arqueologia fenomenológica do Sagrado Complexo”, além de um Epílogo que desenvolve a passagem do Sagrado à dessacralização, cujo *locus* do Sagrado é contemporâneo a esta época histórica. Deste modo, a autora conceitua o que é a experiência religiosa e o que é o método fenomenológico para analisar tal experiência, acentuando a relevância que possuem a *hylética* e a *noética* para o Sagrado e o religioso. Na primeira parte, tem-se o sentido do Sagrado mediante os seus sinais, o sacrifício com os diversos ritos, conforme a respectiva cultura em que estão situados, as formas rituais do “banquete sagrado” e o problema mal apresentado sob a égide dos ritos religiosos arcaicos e não da teodicéia. Na segunda parte, a autora desenvolve o “Sagrado Complexo”, conceito assumido para compreender o que seja propriamente o conteúdo da experiência religiosa, trazendo à tona a relação entre o fiel e o seu Deus, realçando a linguagem religiosa, a oração e as formas politeístas, henoteístas e monoteístas de crenças. Ainda nesta parte, realça a “encarnação do divino” mediante a matéria e o corpo e a afirmação da presença da divindade, e apresenta a teologia negativa e a mística em diálogo com Edith Stein, afir-

mando o respectivo percurso teológico e a leitura mística, especialmente do supracitado castelo interior através da denominada “*hylética* fenomenológica”. Em seu epílogo, a autora realça a emergência da modernidade na era contemporânea, em sua configuração antropocêntrica e cientificista, trazendo à tona o relativismo e o ateísmo, mas encontrando também uma crítica à sua constituição pela qual se ressalta a experiência religiosa presente na profundidade antropológica e histórica dos seres humanos e não determinada pelas configurações dogmáticas e prescrições morais. Disso resulta a relação entre os seres humanos e a Potência ou propriamente a presença da abertura ao outro, a alteridade configurada na experiência sacrorreligiosa, pela qual se afirma a transcendência humana e o sentido de sua história, não mais esgotado na temporalidade cronológica, mas naquela que é kairológica e escatológica.

Enfim, esta obra é uma interpelação a um passeio fenomenológico ao mundo religioso, compreendido na ultrapassagem institucional, dogmática e moral mediante a história e a antropologia das religiões, em que o *humanum* é concebido em sua profundidade interior e nas suas relações de convivência, das quais resultam suas vivências expressas nos diversos ritos religiosos, denotativos de vida e, por conseguinte, do mundo da vida dos seres humanos em sua re-ligação com a Potência. Deste modo, é uma obra que nos faz pensar meditativamente que o sentido do Sagrado não é meramente o cumprimento de prescrições institucionais das religiões, mas a afirmação do encontro da Potência com os seres humanos, compreendidos em sua vitalidade histórico-antropológica e em sua transcendência que realça a esperança do *novum*, que é próprio da *re-ligio*.

PREFÁCIO

A harmonia invisível
é mais forte que a visível.
Heráclito, frag. 54¹

A partir da segunda metade da década de 1980, a reflexão sobre o tema do sagrado voltou à moda. Até então, tratar de tal temática era algo reservado predominantemente aos setores de pesquisas especializadas que – pode-se dizer, muito discretamente – afrontavam a temática do ponto de vista histórico ou filosófico, ou ainda, dentro de estudos de caráter teológico, os quais também são próprios de um âmbito de pesquisa bastante delimitado.

A crise das ideologias, principalmente a crise do racionalismo, que, em diversas formas, ainda imperava naqueles anos, e o nascimento do chamado “pensamento fraco” fizeram com que o tema do sagrado passasse por uma reavaliação, a qual foi conduzida pelos mais diversos campos de pesquisa. Se, por um lado, isso indicou uma abertura a perspectivas antes ignoradas porque, na maioria dos casos, não eram consideradas válidas, por outro, incorreu-se no risco da perda de seriedade na investigação, já que, frequentemente, o sagrado é abordado como objeto de um tipo de saber tido fundamentalmente como irracional. Há alguns anos, foi moda conjugar o tema do sagrado com a pós-modernidade, por um lado, através da retomada da afirmação heidegge-

¹ A numeração dos fragmentos é aquela proposta por Diels e Kranz. [N.T.: Os mesmos serão aqui reproduzidos com base na tradução de BORNHEIM, G. A. *Os filósofos pré-socráticos*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 36-43].

riana: “Só um Deus nos pode salvar”, e, por outro, abrangendo dentro do tema da sacralidade todo tipo de conteúdo possível, gerando, assim, uma série de confusões.

Se é positivo o fato que o tema tenha sido abordado a partir de vários pontos de vista, incluindo aquele filosófico, o risco que existiu e que ainda se corre, todavia, é que o mesmo seja tratado com superficialidade e por aproximação.

A este respeito, o modismo nas atitudes culturais pode parecer algo instável, fruto de um contágio momentâneo e, de fato, destinado a desaparecer. Contudo não se pode subestimar o fato de que tal tendência exprima a sensibilidade de uma época e manifeste a presença de instâncias que não podem simplesmente ser deixadas de lado, mas que, ao contrário, devem ser acolhidas.

É necessário, de fato, notar que a retomada do tema do sagrado é correlativa à diminuição da pretensão de resolver tudo através da atividade intelectual. Já é notória, e cada vez mais claramente, a consciência que se tem a respeito do contraste entre as diversas formas de saber nas quais se exprime a cultura ocidental – a filosofia, as ciências, as religiões – e é a partir daí que emerge, também, a tentativa de se recuperar certas dimensões, como a religiosa, que antes eram consideradas marginais ou não abrangíveis dentro de uma pesquisa válida.

Existe ainda, porém, um problema: de que modo se deve compreender o “sentido” da experiência religiosa?

Mesmo atendo-se a uma abordagem de caráter inicial sobre o fato religioso, já é possível notar uma ulterior complexidade no interior da questão: a primeira grande distinção que se constata corresponde propriamente à relação que existe entre sagrado e religioso, ou seja, as diferenças entre as mais diversas experiências ou atitudes, as quais, mesmo conservando alguns elementos em comum, se distinguem pelo modo de compreender o divino – usando, aqui, tal expressão somente em sentido amplo e genérico.

A história das religiões fornece, de fato, um vasto panorama tanto sincrônico como diacrônico das experiências religiosas, no interior do qual não é sempre fácil orientar-se. Sagrado e religioso são com muita frequência contrapostos, ou melhor, pode-se até dizer que a recente redescoberta do sagrado tenha sido muitas vezes usada de modo polêmico em confronto com as religiões positivas. E é propriamente por esse motivo que se faz necessário refletir sobre a relação que existe entre sagrado e religioso.

A utilidade de percorrer novamente o caminho histórico e de retornar às expressões arcaicas do sagrado consiste, portanto, em evidenciar as estruturas das religiões que a nós são mais próximas, relacionando-as ao fenômeno do sagrado e às razões pelas quais o sagrado é retomado dentro de um contexto caracterizado, todavia, por uma difusa atitude de dessacralização, o que é testemunho da complexidade cultural contemporânea.

Os estudos em história das religiões realizam, sem dúvidas, um ótimo trabalho de investigação, mas eles se encontram diante de questões teóricas de orientação sobre o próprio objeto de pesquisa que constringem os estudiosos da disciplina a ultrapassar os seus limites na direção de âmbitos que se poderiam definir filosóficos – e, em tantos casos, o próprio estudioso não é disposto a sair dos confins da própria pesquisa. Além disso, as expressões arcaicas ou, como eram denominadas no passado, “primitivas”, tornaram-se parte do campo de investigação dos antropólogos culturais, mas também estes se limitam, na maioria dos casos, a descrever os fenômenos relevados evidenciando exclusivamente os seus aspectos sociais. Isso demonstra que, se o sagrado é um terreno circunscrito a partir de diversas abordagens, as mesmas não são suficientes para compreenderem o seu significado.

Surge aí a pergunta relativa a qual ponto de vista assumir quando se pesquisa sobre este tema.

É possível, ainda, falar de outra disciplina que afrontou tal questão: a fenomenologia da religião, a qual, indubitavelmente, deu uma enorme contribuição tanto para o exame das expressões culturais arcaicas, evidenciado a presença do sagrado em cada uma delas, como para as manifestações das religiões históricas. Todavia, a estrutura íntima do fenômeno do sagrado está ainda por ser indagada e, assim, propõe-se novamente, e com urgência, a questão a respeito do método mais idôneo para analisá-la – e esta não é uma questão secundária.

Propriamente da parte da fenomenologia, entendida como investigação filosófica, através da aplicação majoritariamente explícita do método fenomenológico proposto por Edmund Husserl, pode vir, então, uma sugestão não preterível para um repensamento e um aprofundamento capaz de definir ainda melhor a tarefa da fenomenologia da religião.

Nas páginas que seguem, o fio condutor será constituído por algumas indicações provenientes do método husserliano que se revelam como instrumentos úteis para entrar nas camadas mais escondidas da dimensão sacro-religiosa. Tal dimensão será analisada, portanto, não só do ponto de vista teórico, através da busca do sentido da experiência sacrorreligiosa, mas também com atenção às relativas concretizações históricas, de modo a delinear quais são as características do sagrado arcaico, as articulações e as modalidades que as expressões religiosas sucessivas assumem nas suas diversas configurações dentro da cultura ocidental e de outros contextos culturais.

Não se trata, por certo, de uma reconstrução histórico-sistemática, mas de incursões e de sondagens realizadas no vasto território das manifestações sacrorreligiosas, tanto nas suas distinções e contraposições, como também nas suas conjugações e interseções, para compreender quais são as suas características fundamentais e qual lugar ocupam na complexa estrutura humana e social.

Esta me parece a virada que se deva operar no interior da fenomenologia da religião, a qual, então, poderá configurar-se como uma disciplina histórico-teorética capaz de dar uma contribuição essencial à compreensão do “sentido do sagrado”.